

A CORAGEM DE TOMAR A PALAVRA: Repressão, educação e psicanálise

Gleici Kelly de Lima¹ ; Mário Ferreira Resende²

INTRODUÇÃO

Qual seria a posição para falarmos da Educação a partir da Psicanálise? Essa questão foi colocada por Freud e permanece atual, delineando um fértil campo de pesquisa que unem psicanalistas e educadores pela afirmação de uma posição política que pensa a educação para além da normativa pedagógica. O que essa pesquisa buscou foi justamente pensar a educação enquanto um jogo que coloca em evidência o sujeito pulsional do desejo, se fazendo num processo que extrapola a compreensão usual de sujeito ao submetê-lo às leis inconscientes, condição para a inscrição na ordem humana da cultura, da linguagem. O *Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Educação* no Campus do IFC de Videira foi criado pensando na inserção do campus nesse debate interdisciplinar, que propõe refletir acerca dos processos educativos na contemporaneidade a partir da pesquisa na licenciatura, de maneira a retomar os limites e as tensões que marcam o diálogo histórico entre a Educação e a Psicanálise.

Como estratégia de análise optamos pensar os campos da educação e da psicanálise quando atravessados pelo conceito de “repressão” e de “lei”, comuns a ambos os campos do conhecimento. Mas para tanto é preciso resgatar o impacto da Psicanálise enquanto acontecimento histórico para a composição do homem moderno, compreendendo-o a partir de um agir ético que afirma o inconsciente enquanto instância e dimensão que transborda a racionalidade cartesiana. E então, nessa perspectiva, se inserir no debate contemporâneo que movimenta educadores e analistas pela investigação dos fenômenos que desafiam a ação educativa quando

¹ Aluna do IFC – Campus Videira, curso superior Licenciatura em Pedagogia, turma 2013, gleicikellydelima@hotmail.com.br.

² Professor Dr. Orientador do IFC – Campus Videira, curso superior Licenciatura em Pedagogia, mario.resende@ifc-videira.edu.br.

essa assume também sua responsabilidade de se voltar para a realidade do desejo, compreendendo a dinâmica freudiana que estabelece sua conexão com a lei, afirmando-o como tributário dela.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente projeto tem como abordagem teórica a pesquisa qualitativa que, conforme assinala Ludke e André (1986), sempre apresenta uma dimensão exploratória na busca por atingir a complexidade dos fenômenos estudados. A pesquisa desenvolveu-se em dois momentos: um primeiro, voltado para o levantamento bibliográfico, busca em bases de dados, e síntese do material obtido. Essa revisão bibliográfica percorreu não apenas algumas obras clássicas do acervo psicanalítico, mas também a produção contemporânea de educadores e psicanalistas engajados nesse campo de estudo. Num segundo momento, esse material foi organizado e analisado de forma a ver o lugar da repressão nas reflexões psicanalíticas acerca dos contextos educacionais e sua implicação para um olhar freudiano que volta o educar para a realidade (do desejo).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Seguindo a trilha proposta por Hannah Arendt (2000), a Educação corresponde a um processo que necessariamente implica na transmissão de um saber - histórico por definição – para que as gerações que chegam encontrem seu lugar no mundo, na cultura e na política. E se é verdade que o processo educativo também supõe um educador, é somente na condição de poder representar esse mundo na sua complexidade, que esse funda sua autoridade (não autoritarismo), promovendo o ensinar ao estatuto de uma aventura política com a fala, assumindo que falar é sempre uma questão de poder. Mediando a criança com a cultura que a extrapola e precede, o educador assume especial importância para a inscrição da criança nesse mesmo mundo, integrando-a ao simbólico. Esta inserção no mundo, o educar, como transmissão das marcas culturais é destacado por Lajonquière (2006, p.13) sublinhando que o educar é “transmitir marcas simbólicas que possibilitem à

criança conquistar para si um lugar numa história, mais ou menos familiar e, dessa forma, poder se lançar às empresas do desejo.” A linguagem é o lugar mesmo dessa transmissão, desse modo propriamente humano de apresentar na língua a sua presença no mundo, vinculando-se às palavras, as coisas, as ações.

O homem não se limitou a adquirir a linguagem como uma capacidade entre outras dadas, mas a tornou a sua potência específica, já que é nela que ele coloca em jogo a sua própria natureza, erguendo a constelação cultural que o constitui como ser eminentemente histórico e político. Assim, todo ato de linguagem corresponde não apenas a verificação de um fato ou evento, mas sobretudo ao próprio poder significante da linguagem em sua potência humana de relacionar palavras e coisas, fundar e mediar a relação com o outro, nomeando o possível de cada tempo e de cada terra.

A linguagem é o que constitui essa ordem que determina o ser falante, o ser humano, além de sua condição de vivente; e institui esse rasgamento, essa divisão que marca simultaneamente a relação do ser humano, essa divisão que marca simultaneamente a relação do ser humano com o mundo e consigo mesmo, engendra a hiância, que nada pode colmatar, de um desejo confrontado com um impossível gozo, impossível por haver tomado partido pela morte. (MILLOT, 1987, p.96)

É também no quadro que assume a linguagem enquanto pragmática, ou seja, como operadora da conversão que faz de indivíduos, sujeitos, que a Psicanálise construiu seu olhar e edificou seu sistema filosófico, central para a compreensão do homem moderno. Nessa sua irreparável dependência da linguagem para construir o significado do mundo e de si nesse mundo, o sujeito se faz desde sempre dividido, alienado ao Outro que lhe abastece com comida e palavras, tornando o mundo exterior (e interior) representável pelo discurso.

É justamente esse sujeito dividido, porque submetido inexoravelmente à instância de um Outro de quem nada sabe, que o pensamento freudiano busca iluminar, compreendendo-o, a partir do conceito de inconsciente. Freud marcou uma decisiva virada no pensamento moderno - até então fundado na crença do domínio incontestado da racionalidade - ao afirmar que a razão não recobre todo o ser, mas que existe uma dinâmica pulsional inconsciente que também nos movimenta e nos dá sentidos, ainda que contraditórios. A Psicanálise inscreve o inconsciente como

uma forma válida para pensarmos nossa subjetividade, não mais coberta inteiramente pela razão, mas submetida à essa instância da qual não podemos nos desatrelar, e que nos une libidinalmente uns aos outros.

A relação entre Psicanálise e Educação vem sendo forjada sobre alguns diálogos e muitos duelos. Freud elaborou e reelaborou suas análises acerca do tema ao longo de sua obra que, assim, apresenta uma série de desníveis e mudanças de compreensão que precisamos olhar com atenção. Quando escreveu *O Mal Estar da Cultura*, Freud (2011) assinala que a civilização, ou seja, essa forma de vida propriamente humana que simultaneamente nos protege contra os perigos da natureza e também regula nossas relações sociais, é experienciada singularmente em cada um de nós e corresponde ao movimento que promove a submissão do princípio do prazer, voltado para a busca pela satisfação imediata, sem concessões ou espera; ao princípio da realidade, quando o prazer passa a ser buscado a partir de uma ação dirigida ao mundo coletivo, submetida ao tempo da espera e da concessão que necessariamente alinhava o laço social.

Sendo assim, sob esse primeiro crivo de olhar, o processo civilizatório corresponde a uma espécie de renúncia (ainda que parcial) ao princípio do prazer pelo da realidade, o que dá forma às condições de vida social, mesmo que à custa da geração de um mal estar, espécie de resíduo dessa submissão primordial, operada por um recalcamiento primitivo. Quais seriam então os destinos possíveis para os restos desse gozo que, embora impossível, nunca deixa de insistir em sua demanda? Essa é uma das questões, chave que orienta a clínica analítica, cujos impactos na educação merecem ser problematizados. Evidentemente, para Freud a educação está totalmente implicada nesse processo civilizatório, sendo um de seus operadores fundamentais ao dirigir suas ações para a renúncia ao princípio do prazer e sua substituição pelo princípio da realidade, contribuindo para o processo do desenvolvimento do eu integrado à cultura, à construção simbólica. Para favorecer essa passagem civilizatória do princípio do prazer, que rege a vida pulsional infantil, ao da realidade, com todas as responsabilidades e demandas da vida adulta, a educação imprime sua face repressiva, assegurando que a

preocupação pela autopreservação prevaleça sobre a busca pelo prazer e gozo ilimitado.

A Educação vista assim, enquanto processo repressor - mesmo que necessário - corresponde ao primeiro olhar freudiano acerca dos processos educacionais e fomentou inúmeras discussões entre educadores e analistas, traçando um campo de debates que se organizou em dois polos distintos. Por um lado, alguns educadores se empenharam na busca por aquilo que seria uma espécie de “pedagogia analítica”, visando uma educação cuja repressão inevitável seja feita “na medida certa”, de maneira a dar forma a uma boa educação, realizada no ponto ideal. Por outro, alguns analistas buscaram efetuar uma “análise pedagógica”, constituindo uma modalidade de atuação clínica voltada para “pedagogizar” a vida pulsional, submetendo-a ao imperativo da realidade externa. O que se pode observar no decorrer da pesquisa é que essas buscas por seja pedagogizar a psicanálise ou estabelecer uma pedagogia analítica correspondem à ilusões que tentam, no caso da educação, deixar os alunos passivos e submissos, interditando qualquer palavra diferente daquela imposta pelos ditames dos discursos educativos.

Há um salto qualitativo e a adição de novas reflexões quando Sigmund Freud (2010) introduz o conceito de narcisismo, o que nos faz pensar em novos efeitos nos processos educacionais. Assumimos aqui o narcisismo enquanto estágio intermediário entre o autoerotismo que caracteriza a vida pulsional infantil e a posterior escolha de objeto que institui a demanda pulsional adulta. Antes de se dirigir ao outro, a libido da criança volta-se para o seu próprio Eu, tomando-o como objeto de desejo. Sustentar-se na posição narcísica, assinala Freud, significa viver fora do interdito, assumindo-se como ser completo e perfeito, fascinado pela imagem idealizada de si, mantida pela recusa de todo encontro com a realidade da castração, condição para que a vida desejante possa advir. Ceder ao narcisismo é ceder ao desejo de ser liberado do desejo, afinal, para aquele que tudo tem e tudo é, nada falta, não se criando espaço para a produção da vida desejante, crucial tanto para a nossa realização singular, quanto para o laço social que também só é possível pela ligação libidinal entre os homens. A quebra do narcisismo vem sob a marca da castração, verdadeira lei do desejo, que nos desaloja da posição infantil

de onipotência, cuja ilusão se opõe à verdade da nossa impossibilidade de tudo ser, tudo aprender, tudo significar.

Assim, a palavra com chance de educar precisa também trazer a marca dessa sujeição à castração, e se posicionar diante do mundo, aberto à aprendizagem, significa também se reconhecer a partir desse lugar necessariamente incompleto do não-tudo-ser e do não-tudo-saber. Retirado da posição narcísica pela castração simbólica, a criança experimenta uma nova capacidade do aparelho psíquico: a de não se paralisar na posição idealizada (e não desejante) narcísica, passando a se mover também pela articulação do pensamento, pela busca do verdadeiro, pela ação no mundo, mesmo quando ele se apresenta como desagradável. Assim, o educador não deve estar simplesmente a serviço da repressão de tendências incômodas, forçando um abandono do princípio do prazer em busca da adaptação à ordem estabelecida, mas, sobretudo deve propor à criança um modo de ação, de fala, cuja realização possa também satisfazê-la, mas a partir de processos secundários, que se voltam para a ação no mundo, como o pensamento e o trabalho.

Temos aqui uma importante transformação do olhar freudiano dirigido à educação fazendo-a extrapolar a sua função repressora para assumir uma nova, que não apenas leva em conta a realidade externa, mas também a psíquica, do desejo. Não se trata apenas de reprimir as forças pulsionais do eu para fazer insurgir o princípio da realidade, mas sim ampliar o próprio conceito de realidade, incluindo nele a vida psíquica pulsional, que também deve encontrar satisfação e realização fora do narcisismo, no real do mundo. E nesse sentido, afirma Freud, tanto as práticas educacionais quanto a intervenção clínica analítica precisam renunciar a se apoiar no narcisismo, inscrevendo suas práticas e ações a partir do avesso deste, ou seja: na castração, condição para que o desejo, também civilizatório, possa se fazer.

Cabe ainda sinalizar um último salto qualitativo nas reflexões de Freud acerca da Educação quando, em *O Futuro de Uma Ilusão* (1996), ele propõe uma educação que se oriente no sentido de "Educar para a realidade". A realidade que Freud sinaliza aqui não é a que se refere apenas ao princípio da realidade, mas a realidade psíquica, que inclui o reconhecimento e integração dos desejos. Desejo

como ação no mundo, voltada ao misterioso e incerto por definição; e não desejo narcísico, que se faz alheio à castração. Educar para a realidade do desejo significa transmitir também as marcas de uma castração imaginária que confere acesso ao simbólico, que nos posiciona na realidade desejante do nem tudo saber, nem tudo ser, nem tudo conhecer, constituindo o próprio mundo nesse enigma que só resolvemos ao evitá-lo. A educação seria para Freud com um jogo de vida, na qual as “medidas educativas consistem essencialmente em exigir da criança tolerância a certa dose do desprazer constituído pela renúncia à satisfações pulsionais imediatas, a fim de obter um outro prazer.”(MILLOT, 1987, p.60) Essa humanização implica em um não poder tudo e não poder agora, calcado em uma lei, não enquanto interdição, mas enquanto possibilidade de desejo.

Certa vez, Freud, já famoso, foi convidado para retornar à sua antiga escola para proferir uma palestra aos professores e alunos daquela mesma instituição. Em sua fala Freud testemunha que enquanto pensava nas suas memórias, a fim de construir sua fala naquele dia, se deu conta de que aquilo que mais lembrava não se relacionava a qualquer conteúdo das disciplinas ali aprendidas, mas as figuras enigmáticas dos seus professores. Com isso retornamos, à maneira freudiana, ao ponto que Hannah Arendt (2000) assinala como a autoridade do professor. É na condição de dar suporte ao mundo simbólico, incluindo suas contradições, que o professor funda sua autoridade e exerce seu poder civilizatório de fala. Freud adiciona que essa relação professor-aluno se constitui numa relação transferencial, com semelhanças da do analista com seu analisando. A relação professor aluno também implica numa posição de saber do professor, fundado em sua autoridade de fala, que há de ser confirmada e sustentada pelo aluno. Do lado professor, sua pedagogia se torna efetivamente analítica quando o que ele deseja não é satisfazer seus próprios desejos narcísicos, remetendo os alunos a um lugar do seu próprio imaginário autoritário, mas desejar o desejo de aprender dos alunos, incentivando-os a tomar a palavra, assumir o “peso da vida” e reconhecer aí, nesse lugar desamparado, também os seus desejos.

Pensar o ato educativo iluminado pelas considerações psicanalíticas é entender também que a passagem do princípio do prazer para o da realidade é complexa e só pode ser pensada em termos que extrapolam seu caráter apenas repressivo, para chegarmos então a pensar a educação em termos de movimento de busca por uma outra modalidade de prazer, sublimado e humano: o prazer do pensamento, do amor e da verdade, mesmo que desagradável. A transmissão para essa realidade do desejo, diz Freud (1996), pode parecer ser a transmissão de um “banal”, mas isso não significa que se trata de uma transmissão fácil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atravessado pelo saber psicanalítico é possível pensar num gesto diferente de intervenção pedagógica junto às crianças, endereçando a elas não uma palavra de ordem, que apenas interdita e reprime, apoiada num quadro qualquer de moralidade, mas uma que aponte também para a responsabilidade numa ética que inclua a dimensão desejante do inconsciente, pedra de toque da revolução freudiana no pensamento ocidental. A Psicanálise é uma das discursividades fundantes do homem moderno (assim como o Marxismo e o pensamento kantiano, entre outros), pois é Freud quem inaugura uma relação inédita com a busca da verdade, seja do mundo, seja de si mesmo. No lugar da busca por uma verdade absoluta, temos a construção diante de um saber que não se sabe, dando forma a sujeitos que jamais se conciliam numa verdade final, mas que encontram a chance de assumir a palavra e se dizerem a partir mesmo desse lugar de impossibilidade de compreensão plena. Entre tantas viradas epistemológicas é com a racionalidade cartesiana que a Psicanálise mais radicalizou. A partir do conceito de inconsciente temos um homem marcado por uma subjetividade dividida, nunca recoberta plenamente pela razão. O homem é um sujeito racional, é verdade, mas cuja razão tropeça no interior dela mesma revelando uma ordem inconsciente a qual também respondemos e da qual não podemos nos desvencilhar. Um sujeito que existe onde não se pensa, e que dividido, contraditório, deve responder a partir do conflito dessa sua cisão fundante.

Freud ao escrever “O mal-estar na civilização”, na década de 30, ressaltou esse processo exclusivamente humano de se constituir não numa ordem dada da natureza, mas numa ordem cultural e histórica. Fazer-se homem significa se apropriar desse universo, inscrevendo-se nele e nesse sentido é claro que a educação assume um forte papel nessa tarefa. Entrar na cultura significa operar um deslocamento que nos move do princípio do prazer, comprometido apenas com a satisfação imediata e individual, pelo princípio da realidade, implicado já na ordem da produção de um valor cultural, resultado da renúncia da satisfação direta e plena da pulsão. Os processos educativos, nessa direção, ganham destaques nas análises de Freud, que sinaliza um inevitável caráter “repressor” da educação a fim de favorecer essa renúncia civilizatória de um princípio de organização da vida psíquica por outro, quando a cultura proíbe o impossível e instaura em seu lugar um desejo permanente de transgressão, mas já marcado pelo pacto social, atrelado à ordem simbólica do desejo.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 6ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

CALLIGARIS, Contardo (et.alii). **Educa-se uma criança?** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2010.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **O mal estar na civilização**. (1856-1939). São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.



KEHL, Maria Rita. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. **Sigmund Freud: Para uma educação além da pedagogia**. Educação Temática Digita, Campinas, 2006.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MILLOT, Catherine. **Freud Antipedagogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.